

HIP HOP NA DONA CONCEIÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA SOBRE A DEMOCRATIZAÇÃO DA ARTE COMO AGENTE DE MUDANÇA SOCIAL PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES

JENIS ROBERTA FERREIRA DE AZEVEDO¹; ALINE ACCORSSI²

¹Universidade Federal de Pelotas – jaydjin81@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – alineaccorssi@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho relata uma experiência de educação popular desenvolvida com pré-adolescentes e adolescentes da Sociedade Espírita Assistencial Dona Conceição, em Pelotas/RS, através de oficinas de hip-hop vinculadas ao PET-GAPE (Grupo de Ação e Pesquisa em Educação Popular) da UFPel. Desde o segundo semestre de 2024, o projeto "Hip Hop na Dona Conceição" busca democratizar o acesso à arte e à cultura, fortalecendo a expressão artística, a construção coletiva de saberes e o vínculo com a comunidade.

A iniciativa surge em um contexto em que o componente curricular de Artes no Rio Grande do Sul possui uma das menores cargas horárias na educação básica, conforme a Portaria SEDUC/RS nº 824/2024, limitando-se a um ou dois períodos semanais nas escolas públicas. Essa realidade evidencia a não priorização do fazer artístico no sistema educacional, criando uma lacuna que projetos como este visam, de certo modo, suprir.

Inspirado na pedagogia de Paulo Freire, especialmente em sua defesa de uma educação problematizadora e dialógica, o projeto entende o hip-hop não apenas como expressão cultural, mas como instrumento pedagógico capaz de mediar a leitura crítica do mundo e o fortalecimento de identidades juvenis. Como afirma Freire (1978): "a educação, como prática da liberdade, é um ato de conhecimento, uma aproximação crítica da realidade" (FREIRE, 1978, p. 15).

2. METODOLOGIA

Realizadas semanalmente com duração média de uma hora e meia, as oficinas do projeto "Hip Hop na Dona Conceição" envolvem adolescentes entre 12 e 15 anos, integrantes da turma Semear da referida instituição. Os participantes, em sua maioria, são moradores do bairro Porto e de outras regiões periféricas de Pelotas e frequentam a instituição no turno inverso ao da escola.

As atividades que vêm sendo realizadas procuram articular teoria e prática através dos cinco elementos fundamentais da cultura hip-hop. No rap, as atividades incluem rodas de conversa sobre a história do gênero e sua importância sociocultural, análise crítica de letras que abordam temas como racismo, violência doméstica e desigualdade social, além da criação coletiva de composições autorais que expressam as vivências dos participantes.

O grafite é trabalhado a partir do desenvolvimento de personagens inspirados em referências locais, com técnicas de desenho e estêncil, culminando na produção de um painel colaborativo em papel que deverá ser transposto para os espaços físicos da instituição quando houver recursos disponíveis.

As oficinas de break combinam o ensino de técnicas fundamentais com a valorização dos saberes prévios dos jovens, criando um espaço de troca onde movimentos tradicionais dialogam com expressões corporais trazidas pelos próprios participantes.

Já a discotecagem e produção musical são abordadas através de encontros com DJs convidados da cena local, que demonstram na prática técnicas de mixagem e produção musical, utilizando desde equipamentos profissionais até softwares acessíveis, exemplificando na prática o princípio freireano de que ensinar é criar possibilidades para a construção do conhecimento (FREIRE, 1996). Essa abordagem metodológica integrada permite que cada elemento do hip-hop seja vivenciado tanto em sua dimensão técnica, quanto em seu potencial transformador, conectando-se diretamente com a realidade dos jovens participantes.

A abordagem prioriza a escuta ativa e o diálogo, seja através de visitas de artistas regionais, seja na valorização das vivências dos jovens. Um exemplo emblemático foi a oficina de análise de letras, que inaugurou uma "nova fase" no projeto, aprofundando reflexões sobre gênero, raça e sociedade e inspirando uma composição autoral coletiva.

3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS

O vínculo construído com a Turma Semear revelou tanto potências quanto desafios. Na oficina de grafite, por exemplo, os jovens não apenas absorveram técnicas, mas também resgataram referências artísticas de seus territórios, criando um "muro simbólico", um projeto que, futuramente, será transposto para os muros da instituição.

No entanto, mesmo em um projeto que discute opressões, estruturas como o racismo e a misoginia se reproduzem cotidianamente. Jovens mulheres relatam receio de compartilhar suas criações devido a reações masculinas, enquanto piadas sobre cor de pele ou textura de cabelo persistem. Tais contradições reforçam que a luta por igualdade é um processo contínuo, que exige compromisso coletivo.

O projeto se desenvolve em um cenário de precarização. Em 2024, a reestruturação da Sociedade Espírita Assistencial Dona Conceição resultou na descontinuidade do setor de educação infantil, o que reduziu drasticamente o número de atendidos. Apesar disso, a instituição, que não recebe apoio estatal suficiente para cobrir as despesas das 85 crianças e adolescentes que hoje frequentam o espaço, mantém suas atividades graças à mobilização comunitária.

Ainda que não seja uma escola formal, a Dona Conceição também atua como um agente comprometido com a educação e, mesmo assim, é financeiramente desassistida. Essa falta de apoio coloca em risco seu funcionamento e reduz o número de crianças e adolescentes atendidos.

Atualmente vivemos dentro do movimento hip hop um momento de certa rivalidade entre gerações mais antigas e mais jovens, como se os atuais fazedores e apreciadores da arte produzida dentro desse movimento não valorizassem as gerações que encabeçaram os primeiros atos da consolidação do Hip Hop, dedução que se mostrou falha em um dos primeiros encontros presenciais com a turma semear, quando durante uma audição da faixa "A vida é desafio" do grupo Racionais Mc's, pausamos a reprodução da música e para nossa surpresa todos

os alunos e alunas passaram a cantar a letra juntos do ponto em que ela havia sido pausada.

Dentro da ampla sala das dependências da instituição pode-se ouvir ecoar os versos de um rap escrito décadas antes de qualquer jovem ali pensar em vir ao mundo. Ali tivemos a certeza de que a arte além de uma forma de expressão, também é um ponto de conexão capaz de ir além daquilo que podemos imaginar, atravessando o passar dos anos como uma mensagem que segue se propagando ao longo da vida.

É importante também relatar a forma como a equipe da instituição acolheu o projeto, com grande respeito e entusiasmo, isso demonstra o quanto ao longo dos anos o Hip Hop vem se modificando na visão social, se antes era visto como um movimento marginal, hoje tem sua imagem associada ao fomento da cultura, da informação e da busca por estimular o senso crítico.

4. CONSIDERAÇÕES

O hip-hop confirmou-se como linguagem pedagógica potente, capaz de conectar ancestralidade, presente e futuro. Se por um lado as oficinas revelaram talentos, jovens que compõem, dançam e grafitam, por outro, lembraram que a educação popular é um campo em disputa, onde até mesmo projetos emancipatórios reproduzem, às vezes, as opressões que buscam combater, mas isso não é um motivo de desânimo em nenhum momento, mas sim de confirmação que esse tipo de luta ainda é um embate a ser travado por muitas gerações e que é papel das instituições, da comunidade, e de todos que estão envolvidos direta e indiretamente com a educação, continuar batalhando por uma realidade onde o respeito racial e de gênero seja almejado como princípio básico.

A experiência reforça que a arte, quando dialógica, é ferramenta para questionar estruturas excludentes. Como escreveu Freire (2011), a cultura é central para uma pedagogia libertadora e o hip-hop, com sua história de resistência, é prova viva disso. Entre beats, sprays e rimas, o projeto confirmou que educar é, acima de tudo, aprender, trocar saberes, conhecer e absorver outras realidades, a partir da assimilação das vivências que essas trocas nos permitem conhecer, ampliamos nossos próprios horizontes e visões sobre o mundo, o local onde estamos inseridos e a diversidade de experiências ao nosso redor.

É importante também considerar que o projeto estabelece uma troca de informações entre gerações que apreciam hip hop, sendo a equipe responsável formada e o público alvo conhecedores do movimento previamente, esse tipo de diálogo levanta questionamentos em ambas as partes sobre as várias nuances que o movimento ganhou ao longo dos anos, evoluindo das batidas tradicionais dos primeiros grupos de Mc's até o nascimento de subgêneros como o Trap e o genuinamente brasileiro Trap Funk, que costuma estar mais presente no dia a dia da turma semear, mostrando ideologias distintas dos valores que eram passados nas letras dos pioneiros do movimento, isso exige de ambas as partes uma flexibilidade para entender outro contexto e época distintos, e como é ser jovem na realidade de uma geração de nativos digitais que aprecia e consome música e arte de uma forma totalmente nova.

A manutenção desse vínculo geracional dentro da própria cultura Hip hop é essencial para manter esse movimento forte e perpetuar seus valores de questionamento, denúncia, e luta contra as desigualdades sociais, sem deixar de prestar atenção nas novas nuances, conceitos e formas de enxergar o mundo e a

arte que a nova geração traz, repassando os conhecimentos ao mesmo tempo que respeita o novo e sua inquestionável importância.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

_____. **Educação como Prática da Liberdade**. Paz e Terra, 1978.

_____. **Pedagogia da Autonomia**. Paz e Terra, 1996.

_____. **A Importância do Ato de ler**. Cortez, 2011.

PORTARIA SEDUC/RS nº 824/2024. **Diário Oficial do Rio Grande do Sul**.